UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

***CAMPUS* ARAPIRACA**

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CLEDSON RICARDO SILVA LIMA

A PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, *CAMPUS* ARAPIRACA AL

ARAPIRACA-AL

2024

CLEDSON RICARDO SILVA LIMA

A PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, *CAMPUS* ARAPIRACA AL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia (Licenciatura) da Universidade Federal de Alagoa - UFAL, *Campus* Arapiraca , como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Júlio Bispo dos Santos Júnior

ARAPIRACA - AL

2024

Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca *Campus* Arapiraca - BCA

L732p Lima, Cledson Ricardo Silva
A presença masculina no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca AL / Cledson Ricardo Silva Lima. – Arapiraca, 2024.
14 f.: il.

Orientadora: Prof. Me. Júlio Bispo dos Santos Júnior
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico (Licenciatura em Pedagogia.) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2024.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 11-14

1. Homens na educação 2. Pedagogos – Formação 3. Homens – Docência I. Santos Júnior, Júlio Bispo dos II. Título.

CDU 37

Bibliotecário responsável: Gerlane Costa Silva de Farias
CRB - 4 / 1802

CLEDSON RICARDO SILVA LIMA

A PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NO *CAMPUS* ARAPIRACA, ALAGOAS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas– UFAL, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Data da aprovação: 05/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
JULIO BISPO DOS SANTOS JUNIOR
Data: 04/04/2025 20:58:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Júlio Bispo do Santos Júnior
Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão (Orientador)

Documento assinado digitalmente
MARTA MARIA MINERVINO DOS SANTOS
Data: 04/04/2025 18:04:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Marta Maria Minervino dos Santos
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca (Examinadora)

Documento assinado digitalmente
JANAILA DOS SANTOS SILVA
Data: 04/04/2025 18:22:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Janaila dos Santos Silva
Universidade Federal de Alagoas
Campus Arapiraca (Examinadora)

A PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NO CAMPUS ARAPIRACA, ALAGOAS

MALE PRESENCE IN THE PEDAGOGY DEGREE COURSE AT THE ARAPIRACA CAMPUS, ALAGOAS

Cleddson Ricardo Silva Lima[1]
Julio Bispo dos Santos Júnior[2]

RESUMO: Esse trabalho estuda "A presença masculina no curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca. Foi realizada um levantamento bibliográfico com destaque para os autores Straiotto (2017), Saviani (2012), Viana (2001), entre outros. A escolha do tema se deve ao fato de que como discente UFAL vivenciei algumas situações que colocavam em questão o lugar do homem na educação de crianças, parte fundamental da atuação pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Anos Iniciais. A incidência de homens na atuação docente com crianças, principalmente em se tratando da Educação Infantil, é raramente percebida conforme apontam estatísticas, descreve a literatura e, ainda pela minha observação pessoal nas escolas em que vivenciei o estágio. Neste contexto, discorrendo sobre o papel do homem na docência, pretendemos analisar a seguinte questão: Como acontece a presença de homens no curso em Pedagogia, entre dificuldades e desafios? Espera-se contribuir para uma reflexão visando uma nova maneira de se pensar a presença masculina e sua atuação Pedagógica, em escolas da Educação Básica a partir da formação na licenciatura em Pedagogia.

Palavras-chave: presença masculina; formação do pedagogo; Pedagogia.

ABSTRACT: This paper studies "The male presence in the undergraduate course in pedagogy at the Federal University of Alagoas, Arapiraca Campus. A bibliographical survey was carried out with emphasis on the authors Straiotto (2017), Saviani (2012), Viana (2001), among others. The choice of the theme is due to the fact that as a student at UFAL I experienced some situations that called into question the place of men in the education of children, a fundamental part of the pedagogical role in Early Childhood Education and Elementary School - Initial Years. The incidence of men in teaching with children, especially in Early Childhood Education, is rarely perceived as indicated by statistics, described in the literature and, also by my personal observation in the schools where I experienced the internship. In this context, discussing the role of men in teaching, we intend to analyze the following question: How does the presence of men in the Pedagogy course happen, between difficulties and challenges? We hope to contribute to a reflection aiming at a new way of thinking about the male presence and their Pedagogical role, in schools of Basic Education based on training in the degree in Pedagogy.

---

[1] Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail:

[2] Professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisador do Grupo Educação Escolar: instituições, sujeitos e currículos (UFAL) e membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores em Exercício (FEP/UFBA). Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) na Linha de Currículo e (In)formação e Mestre em Educação (UFBA). É graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialista em Metodologia do Ensino Superior (UNEB) e Psicopedagogia e Orientação Educacional (UFRRJ). E-mail: julio.junior@arapiraca.ufal.br

1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS HOMENS NA PEDAGOGIA

A presença masculina na Pedagogia ainda é marcada por diversos desafios que afetam tanto a escolha quanto a permanência dos homens nessa área. Esses obstáculos são frequentemente associados a estigmas culturais, preconceitos e isolamento no ambiente acadêmico e profissional.

Um dos principais desafios enfrentados é a estigmatização social**,** que decorre de construções históricas e culturais que associam a docência nos anos iniciais a características consideradas "femininas". Segundo Silva (2020), "os homens que escolhem a Pedagogia são muitas vezes questionados sobre sua masculinidade e enfrentam estereótipos que colocam em dúvida sua capacidade de desempenhar funções de cuidado e ensino infantil".

Além disso, a desconfiança social também emerge como um problema significativo. Em um ambiente onde a interação com crianças é central, há relatos de que homens podem enfrentar suspeitas infundadas, por exemplo, um professor relatou que frequentemente era observado com desconfiança por pais e até mesmo colegas, apenas por desempenhar atividades rotineiras como auxiliar uma criança em sua leitura ou ajudá-la a amarrar os sapatos ou maior escrutínio sobre sua conduta. Como destaca Pereira (2019), "a sociedade tende a desconfiar da presença masculina em espaços predominantemente infantis, perpetuando preconceitos que afetam não apenas a autoestima dos profissionais, mas também suas possibilidades de atuação".

Outro desafio frequente é o isolamento profissional. Em um contexto onde as mulheres representam a ampla maioria dos estudantes e profissionais da área, os homens podem sentir-se excluídos ou sem redes de apoio. De acordo com Oliveira e Santos (2021), "a predominância feminina nos cursos de Pedagogia e nas escolas faz com que os homens tenham dificuldade em encontrar pares com experiências semelhantes, o que reforça sua percepção de exclusão".

Esses desafios, embora complexos, apontam para a necessidade de estratégias de inclusão que promovam a diversidade de gênero na Pedagogia, ajudando a desmistificar papéis sociais de gênero e a criar um ambiente mais equitativo e acolhedor para todos os profissionais.

2 ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL

Homens que escolhem a Pedagogia frequentemente enfrentam preconceitos, incluindo questionamentos sobre sua masculinidade ou intenções. Há também uma preocupação generalizada relacionada à presença masculina em espaços predominantemente infantis, que pode levar a desconfianças infundadas. a presença masculina em cursos de pedagogia ainda é cercada por estigmas e preconceitos sociais. Esses cursos, historicamente associados a profissões de cuidado e ensino na educação infantil e fundamental, são vistos como espaços predominantemente femininos, o que acaba gerando barreiras para homens que desejam seguir essa trajetória acadêmica e profissional.

Um dos principais fatores que alimentam essa estigmatização é a construção de papéis de gênero enraizados na sociedade. A pedagogia, por ser relacionada ao cuidado e à educação de crianças, é frequentemente enquadrada como uma área “natural” para mulheres. Essa visão ignora as habilidades e a vocação que homens também possuem para atuar no campo educacional, perpetuando a ideia de que não pertencem a esse espaço.

Além disso, os homens que optam por cursar pedagogia muitas vezes enfrentam questionamentos sobre sua masculinidade ou são alvo de suposições preconceituosas, como a ideia de que têm segundas intenções por escolherem trabalhar com crianças. Esses estigmas não apenas desencorajam outros homens a ingressarem na área, como também afetam a autoestima e o sentimento de pertencimento dos que já estão nela (Silva; Pereira (2021))

O impacto da baixa representatividade masculina na pedagogia vai além do campo acadêmico. Na prática, a educação se beneficia de equipes diversas, que refletem a pluralidade da sociedade. A presença de homens em sala de aula pode contribuir para romper estereótipos de gênero e oferecer às crianças exemplos positivos de figuras masculinas em papéis de cuidado e ensino, essenciais para um desenvolvimento saudável e equilibrado (Oliveira; Santos (2021).

Superar a estigmatização social do homem no curso de pedagogia exige esforços conjuntos de instituições de ensino, políticas públicas e da sociedade. É necessário fomentar um debate aberto sobre igualdade de gênero, promover campanhas de valorização da pedagogia como profissão para todos e criar ambientes educacionais mais inclusivos. Dessa forma, será possível garantir que homens e mulheres possam contribuir igualmente para a formação de futuras gerações, sem restrições impostas por preconceitos.

3 A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NA PEDAGOGIA

É importante destacar o longo caminho que a mulher percorreu para conquistar seu espaço em sala de aula, destacando sua luta como educanda até chegar à docência. A mulher foi criada para ser submissa ao pai, irmão e posteriormente ao esposo, que quando casada vivia em total submissão criando seus filhos e cuidando da casa, a desvalorização da instrução feminina era uma forte característica não apenas do Brasil Colônia, mas também da sociedade portuguesa (da metrópole), que atribuía grande valorização aos dotes domésticos. Apenas após a independência do Brasil Império introduziu uma rede de escolas que atendesse às necessidades da população, foi na Constituição de 1823 que surgiu a ideia de proporcionar instrução educacional para população, porém a lei não deixou claro que iria beneficiar as mulheres, somente em 1826 os projetos relacionados à educação nacional voltaram a ser discutidos, com o objetivo de organizar o ensino primário. Um destes projetos de lei, proposto pelos deputados Januário da Cunha Barbosa, José Pereira de Mello e Antônio Ferreira França, estipulava que deveriam ser chamadas de pedagogias as escolas de primeiras letras. Ainda assim, mesmo nestas escolas estava imposta a segregação das mulheres em relação aos processos educativos. O projeto colocava que pela instrução das meninas seriam responsáveis senhoras consideradas dignas pela “sua honestidade, prudência e conhecimento. Mesmo com a segregação, essa constituição deu início ao reconhecimento e a necessidade de oferecer algum tipo de instrução às mulheres e às meninas, negada por séculos. Em outubro de 1827 o projeto de ensino foi transformado em lei, marcando o início de um sistema educacional feminino organizado e mantido pelo Estado brasileiro. A partir de então, as diferenças entre os papéis sociais de homens e mulheres foram reproduzidas nos currículos das escolas primárias. Até boa parte do século XVII a regra era que as mulheres não soubessem ler.

Segundo Saffioti, o primeiro documento conhecido em que uma mulher assina seu nome data de 1699. Devido à ignorância em relação à leitura e à escrita, provocada pela ausência de instituições que oferecessem acesso à educação

formal, muitas mulheres que faziam parte das camadas mais abastadas da sociedade sofriam golpes financeiros, por validarem ingenuamente documentos que lhes prejudicavam.

A mulher passou a ter um novo papel na sociedade com uma visão política e econômica da sua família, ao saírem da casa grande e mudarem para sobrados. As famílias passaram por um processo que houve mudanças em todos os aspectos. A mulher em se precisou se transformar, antes tinha uma incumbência de cuidar dos filhos, da casa e do marido. Então surgiu uma educação voltada para mulher com o aprendizado em literatura e música, aos poucos foram criando espaço em um plano político pensado para o País. A mulher, inicialmente marginalizada, diante das qualidades morais femininas era ambíguo, pois apesar de exaltar as aptidões valorosas da mulher, referendava o mito da inferioridade biológica e intelectual presentes no discurso evolucionista. Ou seja, naturalmente a mulher deveria ser subordinada ao poder do homem, seja o pai, irmão ou marido, apesar de suas valorosas aptidões. Segundo o Catecismo positivista, “a mulher é o ente em que o altruísmo é mais desenvolvido, e esse sentimento é o laço que liga as gerações sucessivas, formando esse ser coletivo, - a Humanidade, é ele representado pela figura de uma Mulher, tendo seu filho nos braços” (Mendes, 1931, p.21).

Posteriormente, a mulher tornou-se central no contexto educacional, tanto como educanda quanto como educadora, exercendo um papel essencial para construção de um cidadão brasileiro. É importante mencionar que, o acesso feminino à educação reflete paradoxos históricos, como a diferenciação de gêneros e a naturalização de seu papel doméstico. Diante da minha pesquisa, ficou claro a abordagem das mudanças historiográficas que incluíram a perspectiva de gênero, expandindo os estudos sobre mulheres e suas contribuições, deixando claro que a inclusão feminina no ensino é tanto emancipatória quanto funcional para as estruturas sociais vigentes. As novas abordagens da escola dos Annales ampliaram o escopo da análise histórica, incorporando dimensões subjetivas e simbólicas. O estudo de gênero mostrou- se essencial, relacionando homens e mulheres como partes inseparáveis de uma história relacional. O termo "gênero”, utilizado como sinônimo de mulheres, mostrou novos paradigmas, articulando classe e raça para incluir os historicamente excluídos. Segundo Joan Scott, gênero é uma categoria analítica que desafia os paradigmas históricos, indo além da descrição para compreender o papel dos sexos na manutenção ou mudança da ordem social.

O movimento feminista impulsionou a história das mulheres como campo de estudo, institucionalizando-o em âmbitos acadêmicos e destacando a presença feminina em registros documentais e no espaço doméstico. A feminização do magistério é um exemplo da influência das mulheres na educação, refletindo crenças liberais e católicas que associavam a qualidade feminina à educação infantil. O reconhecimento de que o professorado era composto, em sua maioria, por mulheres, que tendo sido facultado o acesso à educação formal “exerciam um tipo de escrita típicas do espaço privado, como diários, cartas, memórias, biografias [...]”. Essas fontes documentais contribuíram para o desenvolvimento das pesquisas nos estudos das mulheres. A autora ressalta ainda que não se trata apenas da reconstituição da história do ensino, trata-se da reconstituição da história da escrita, e da leitura (Gonçalves, 2006, p. 88).

Para Guacira Lopes Louro (2014), a feminização da profissão docente aconteceu por uma necessidade, na segunda metade do século XIX, de se higienizar a educação, modernizar a sociedade, instruir os cidadãos. Era necessário que se educasse com os princípios e qualidades da casa e, para isso, ninguém

melhor do que a mulher. Ela que era, historicamente a guardiã da família, dona do amor materno que era necessário para o desenvolvimento das crianças. Além de a profissão docente ser compatível com o que era aceitável para as mulheres nessa época, ou seja, via-se a escola como extensão da casa, com os mesmos cuidados e exigindo as mesmas aptidões femininas.

No século XX, à docência veio a se constituir como um espaço feminino de ação profissional, “sendo que no magistério a quantidade de mulheres em relação aos homens já era superior a 80%” (Hypólito, 1997). A ideia de que a professora desempenha um papel semelhante ao de uma "mãe educadora", combinada com a associação dos cuidados infantis às atividades tradicionalmente realizadas por mulheres, contribuiu para consolidar a docência como um campo dominado por mulheres. Essa associação está enraizada em questões culturais sobre o papel das mulheres na sociedade, de forma que “as brasileiras foram incorporadas à docência sobre a base e a articulação das concepções de feminilidade e atividade docente, o que punha em evidência as diferenças de gênero existentes na sociedade”. (Batista; Codo, 1999, p. 64).

Anteriormente, ilustramos a presença majoritária das mulheres como professoras atualmente. Os dados tirados do Censo Escolar de 2017 mostram que as mulheres chegam a ser 80% das docentes da Educação Básica. Ou seja, são a maioria nas salas de aula hoje. Como foram desde o fim do século
XIX. As mulheres vão ocupando esse posto já no fim da década de 1920, início da década de 1930, e vão se fixando então como maioria nessa profissão. “Em 1920, o Censo Demográfico indicava que 72,5% do conjunto do professorado brasileiro do ensino público primário era composto por mulheres e, entre o total de docentes, sem distinção de graus de ensino, as mulheres somavam 65%” (Vianna, 2013. p. 165).

4 ISOLAMENTO PROFISSIONAL

Com a predominância feminina no curso e no mercado de trabalho, homens podem sentir-se isolados, enfrentando dificuldades para se integrar em um ambiente onde suas experiências são minoritárias. O isolamento profissional do homem na pedagogia é uma realidade vivenciada por muitos que escolhem essa área predominantemente ocupada por mulheres. Embora o avanço em debates sobre igualdade de gênero tenha desafiado estereótipos em diversas profissões, na pedagogia, os homens frequentemente enfrentam barreiras que vão além da estigmatização social, afetando sua integração no ambiente profissional e sua trajetória de carreira.

No contexto da pedagogia na Educação Infantil, o isolamento se manifesta de diversas formas. Em ambientes de trabalho, como escolas ou instituições de ensino, é comum que homens sejam minoria, o que pode gerar sentimentos de exclusão ou desconforto. Esse cenário é agravado pela falta de representatividade masculina em posições de liderança ou nas equipes pedagógicas, perpetuando a ideia de que a educação infantil e o ensino básico são exclusivamente “lugares femininos”.

Além disso, muitos homens relatam a dificuldade de construir redes de apoio ou colaboração com colegas do mesmo gênero, já que a maioria dos profissionais com quem interagem são mulheres (Souza; Almeida (2020). Essa dinâmica pode limitar a troca de experiências e a criação de vínculos mais profundos, essenciais para o crescimento pessoal e profissional.

Outro fator que contribui para o isolamento é o preconceito por parte da sociedade e, em alguns casos, até dos próprios colegas de profissão. Homens na

pedagogia podem enfrentar desconfianças sobre suas intenções ao trabalharem com crianças, o que pode levar a vigilância excessiva ou a atribuição de tarefas que os afastam do cuidado direto. Essa exclusão sutil reflete estereótipos que desvalorizam a contribuição masculina em áreas de cuidado e educação (Segundo um relatório da UNESCO (2021).

Para enfrentar o isolamento profissional do homem na pedagogia, é fundamental promover iniciativas que valorizem a diversidade de gênero no campo educacional. Programas de sensibilização nas instituições de ensino, políticas inclusivas nos locais de trabalho e campanhas que celebrem a presença masculina na pedagogia são estratégias importantes para criar ambientes mais acolhedores e colaborativos (segundo dados da Associação Nacional de Educação (ANE, 2022).

A pedagogia, enquanto campo essencial para o desenvolvimento das gerações futuras, deve ser um espaço onde todos, independentemente de gênero, sintam- se respeitados, apoiados e incentivados a contribuir com suas habilidades e perspectivas únicas. Somente ao romper com as barreiras do isolamento profissional será possível construir uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa.

5 POTENCIALIDADES DE UMA MAIOR INCLUSÃO MASCULINA POSSÍVEL

A maior inclusão masculina na pedagogia representa um avanço significativo para a educação, promovendo diversidade, igualdade de gênero e enriquecimento das práticas pedagógicas. Embora a pedagogia seja tradicionalmente associada às mulheres, a presença de homens nesse campo pode trazer múltiplas potencialidades, tanto para os profissionais quanto para os estudantes e para a sociedade em geral.

Uma das principais contribuições de uma maior inclusão masculina na pedagogia é a possibilidade de romper com estereótipos de gênero. A presença de professores homens em salas de aula, especialmente na educação infantil e no ensino fundamental, oferece às crianças modelos positivos de masculinidade, mostrando que cuidar, educar e ensinar são responsabilidades que transcendem o gênero. Essa representatividade pode ajudar a desconstruir preconceitos desde cedo, incentivando futuras gerações a enxergar a educação como um espaço de todos.

Homens na Pedagogia também enriquecem o ambiente escolar com perspectivas diversas, contribuindo para abordagens mais abrangentes no ensino. A interação de diferentes visões de mundo entre professores e professoras favorece a criação de métodos pedagógicos inovadores e inclusivos, que atendem melhor às necessidades variadas dos estudantes.

Além disso, a inclusão masculina pode fortalecer a relação professor-aluno, especialmente em contextos onde os alunos carecem de figuras masculinas positivas em suas vidas. Homens pedagogos podem atuar como mentores e modelos de comportamento, oferecendo suporte emocional e contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes, independentemente de gênero (Oliveira e Souza (2021).

Do ponto de vista profissional, a inclusão masculina na pedagogia também pode impulsionar uma valorização mais ampla da profissão. Com a quebra de barreiras sociais e o ingresso de mais homens, a pedagogia pode ser vista como uma carreira atrativa e digna de respeito por diferentes públicos, promovendo um reconhecimento mais justo para todos os profissionais da área.

Para concretizar essas potencialidades, é necessário investir em políticas educacionais que incentivem a entrada e a permanência de homens na escola. Campanhas de conscientização, programas de bolsas de estudo e ambientes de trabalho inclusivos são passos essenciais para construir um cenário mais equitativo.

Uma pedagogia com maior inclusão masculina não apenas beneficia a profissão, mas também reflete uma sociedade mais justa e equilibrada, onde habilidades, vocações e talentos são valorizados pelo que representam, e não limitados por estereótipos de gênero. Como destaca Nogueira (2020), "a presença masculina na educação infantil e nos anos iniciais é uma forma de descontruir o imaginário social que associa o cuidado e a educação apenas ao feminino, permitindo que crianças de ambos os gêneros se beneficiem de modelos diversos e equilibrados de desenvolvimento".

6 “PISANDO EM OVOS”

A graduação em pedagogia, tradicionalmente dominada por mulheres, pode ser um ambiente desafiador para os homens que optam por essa carreira. Esse desafio é intensificado para aqueles que, criados em ambientes culturalmente conservadores e rígidos, absorveram valores que podem contrastar com a atmosfera progressista comum nos cursos de pedagogia. Um homem nessa situação pode se sentir deslocado e hesitar em expor suas opiniões, especialmente por medo de desagradar as colegas. Desde o início do curso, é comum que as mulheres formem grupos de trabalho entre si, deixando os homens à parte. Esse fenômeno cria uma dinâmica de segregação, onde os homens acabam trabalhando em equipes exclusivamente masculinas. Essa exclusão não intencional pode dificultar a integração e a troca de experiências, limitando o aprendizado colaborativo que é fundamental na formação pedagógica.

As tensões políticas durante as eleições presidenciais, especialmente no período de Lula e Bolsonaro, exacerbaram esses sentimentos de exclusão. Um aluno que manifestou seu apoio a Bolsonaro, por exemplo, pode ter se sentido ainda mais isolado (Silva, 2021). Em um ambiente onde a maioria dos colegas possui visões políticas divergentes, expor suas preferências pode resultar em marginalização. Esse isolamento adicional reforça o sentimento de deslocamento e a dificuldade em se integrar plenamente no ambiente acadêmico (Smith (2018).

Em cursos de Pedagogia, é notória a ausência de alunos do sexo masculino. Sendo assim, a pesquisa apresenta como questões básicas a problemática do porquê dessa ampla ausência a ser investigada e como se deu, também, historicamente, a feminização do magistério. Para este fim, busquei compreender qual a relação entre o número de homens e mulheres na Universidade Federal de Alagoas, nas Licenciaturas em Pedagogia. De acordo com os dados adquiridos no bloco de coordenação do curso de Pedagogia no Campus Arapiraca na Universidade Federal de Alagoas, no período de 2011 a 2022. Para melhor compreensão, segue tabela com os dados quantitativos de indivíduos do sexo masculino que ingressão na universidade.

Quadro 1 – Alunos ingressos do sexo masculino no período de 2011 a 2022

Semestre Letivo	Total de alunos homens	Evasão	Alunos formados
2011.2	05	03	02
2012.2	12	10	02
2013.2	06	05	00
2014.2	08	07	00
2015.2	09	04	02
2016.1	01	01	00
2016.2	09	06	01
2017.1	01	00	00
2017.2	08	02	01
2018.2	06	04	00
2019.2	06	03	00
2020.1	02	01	00
2020.2	05	00	00
2021.2	11	02	00
2022.2	15	02	00

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

As turmas iniciais possuem, em média, 40 alunos. Os ingressantes em semestres impares se deram por meio de editais de vagas ociosas, em que o quantitativo total de alunos é variável, entre um a seis.

Entretanto, é crucial destacar que a pedagogia não é uma profissão exclusivamente feminina. Homens são perfeitamente capazes de atuar e exercer com profissionalismo na área da educação. A presença masculina pode trazer perspectivas valiosas e diversificadas para o ensino, contribuindo para um ambiente educacional mais equilibrado e inclusivo. Homens em pedagogia podem desempenhar papéis importantes como modelos de comportamento para crianças de ambos os gêneros, desafiando estereótipos e promovendo a igualdade de gênero desde cedo.

Para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor na graduação em pedagogia, é essencial que as instituições de ensino promovam a diversidade e a colaboração mista. Incentivar a formação de grupos de trabalho heterogêneos e criar espaços de diálogo aberto e respeitoso pode ajudar a integrar melhor os estudantes masculinos. Além disso, é importante oferecer apoio psicológico e mentoria para aqueles que se sentem deslocados, ajudando-os a superar barreiras e a desenvolver uma maior confiança em suas contribuições.

Em suma, embora os homens possam enfrentar desafios específicos na

graduação em Pedagogia, é possível superar esses obstáculos com o apoio adequado e uma cultura acadêmica inclusiva. Reconhecer e valorizar a presença masculina na pedagogia não só beneficia os estudantes, mas também enriquece o campo educacional como um todo. Homens e mulheres, trabalhando juntos, podem criar um ambiente de aprendizado mais rico e diversificado, preparando melhor as futuras gerações para um mundo mais equitativo e justo.

7 CONCLUSÃO

A presença masculina no curso de Licenciatura em Pedagogia no Campus Arapiraca-AL revela um cenário desafiador, mas repleto de potencialidades para a transformação educacional e social. Este estudo demonstrou que, embora o curso seja majoritariamente frequentado por mulheres, os homens que optam por essa formação enfrentam barreiras que vão desde estigmas sociais até o isolamento no ambiente acadêmico. Ainda assim, sua participação contribui significativamente para a diversidade e para a quebra de estereótipos de gênero.

É evidente que a inclusão de mais homens na pedagogia não se limita a um benefício individual ou acadêmico. Ela reflete uma necessidade mais ampla de repensar a divisão de papéis na sociedade e de reconhecer o valor das competências pedagógicas como universais e não restritas a um gênero específico. Para isso, é fundamental promover estratégias de incentivo e acolhimento, que fortaleçam o sentimento de pertencimento desses estudantes e ampliem sua representatividade.

Ao valorizar a pluralidade e as contribuições de homens e mulheres na formação docente, o curso de Licenciatura em Pedagogia no Campus Arapiraca-AL pode se tornar um exemplo de inovação e equidade no campo educacional. Essa inclusão não apenas enriquece as experiências formativas, mas também prepara profissionais mais conscientes e aptos a atuar em uma sociedade que exige respeito às diferenças e colaboração entre todos os seus membros. Assim, fortalecer a presença masculina no curso de pedagogia é um passo importante para uma educação mais inclusiva, reflexiva e transformador

REFERENCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de; **Mulheres na escola**: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Depto. De didática da faculdade de ciências e letras/ UNESP-Araraquara, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev. 1996. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/816/825. Acesso em: 01 de jan.2024.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades:** os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. 227.

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero** – feminismos e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores homens na docência com crianças**: homens fora do lugar? 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/HJPB-67BE2P/1/ppgeducacao_fredericoassiscardoso_dissertacaomestrado.pdf. Acesso em: 01 de jan.2024.

CARRARA, Sérgio. **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em gênero, orientação sexual, e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. 265p.

CHAVES, Eduardo O.C. O Curso de Pedagogia. **Cadernos CEDES,** a formação do educador em debate: ano 1, n.2, 1981.

CHAMON, Magda Lúcia. Relações de gênero e a trajetória de feminização do magistério em Minas Gerais (1830–1930). 1996. Dissertação (Mestrado em Educação). — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CEGATTI, Amanda Carolina. PRÁ, Jussara Reis. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico.** Porto Alegre: 2016. Disponível em: http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/660/682, Acesso em 05 de jan.2024.

CODO, Wanderley. **Educação, carinho e trabalho.** Petrópolis: Vozes, 1999.

COELHO, Mateus Gustavo. **Gêneros desviantes:** o conceito de gênero em Judith Butler. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2018.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero:** uma perspectiva global. São Paulo: Versos, 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de e outros. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. *In:* PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (org.). **A escola e seus atores**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005, p. 53-87.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

ISCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul. /dez. 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMA, Regina. São Paulo: Ática, 2001.

LISBOA, Teresa Kleba; MANFRINI, Daniela Beatriz. Cidadania e eqüidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. **Katálysis**, v. 8 n. 1, p.67-77, Florianópolis, SC. jan. /jun. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história, representação. *In:* CATANNI, Denise; (org.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

Louro, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em:

https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722. Acesso em: 07 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In:* PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. uma perspectiva pós estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 184p.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação:** teoria e política. *In:* LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.191p.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2006.

PROBST, Carlos Guilherme. **Identidade e Gênero na Pedagogia**. Ijui, RS. Ed. UNIJUI, 2001.

ROBST, Carlos Guilherme. **Identidade e Gênero na Pedagogia**. Ijui, RS. Ed. UNIJUI, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório.** SUR 24, v.13 n. 24, p. 99-104, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil:** história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Educação contemporânea).

SMITH, J. **A dinâmica política nas instituições educacionais**: inclusão e exclusão no espaço acadêmico. *[S.l]:* XYZ, 2018

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Profissionalização do magistério feminino**: uma história de emancipação e preconceitos. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, [20-?]. Disponível em: http://23reuniao.anped.org.br/textos/0217t.PDF. Acesso em: 07 jul. 2024.

SCOTT, Joan. Gender: **a useful category of historical analyses:** gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989.

STRAIOTTO, Débora Silva; **"... E eu pensei: o que estou fazendo aqui?!" Homens egressos do curso de pedagogia:** estabelecimento e deslocamento na profissão. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação). -Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/items/4fe83359-9c64-49db-a72f-4ef19cec55fb. Acesso em: 07 jul. 2024.

STREY, Marlene Neves, *et al.* **Psicologia Social contemporânea:** livro texto. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUSA, Fernando Santos. **Gênero e trabalho pedagógico:** o prisma do pedagogo

homem nos anos de início da escolarização. 2011.

SAFFIOTI, Heleieth**. A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.